

Ag 75

Prof. Dr. Cruz Malpique



Manuel de Cruz Malpique
Apontamento Autobiográfico

Prof. Cruz Malpique

Missiva autobiográfica

Meu prezado Courrège:

Pede-me, você, algumas palavras autobiográficas.

Nada mais fácil. Os homens pequeninos tem biografias pequeninas. Lê a dizer com cré... (Parece que é assim, e não lê a dizer com cré...)

Nasci em Nisa, há um ror de anos. Vou a caminho dos 74. Brincando com a minha idade, costumo dizer que sou quinhentos anos mais novo que o Infante Santo (ele vindo ao mundo a 29 de Setembro de 1402, eu, neto do meu avô, vindo à luz a 28 de Setembro de 1902), cem anos mais novo que Vitor Hugo (este da geração de 1802, eu da geração de 1902...). Para notar outras coincidências, direi que assim como Suas Majestades o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia nasceram a 28 de Setembro, também eu nasci num 28 de Setembro...

Outras coincidências históricas eu podia mencionar a favor da minha data de nascimento... Mas basta citar essas para eu me sentir muito lisonjeado... Puxa!

Fiz a minha instrução primária — primaríssima! — nunca passei de um primário... — em Nisa. Ai pertenci ao piorio dos alunos. Fiz, depois, o meu liceu, em Portalegre, o meu distrito. Continuei no piorio. Fiz depois a minha Filosofia e o meu Direito, na Universidade de Lisboa, e fiquei um licenciado analfabeto. Reconheci, muito socráticamente, que terminadas as minhas licenciaturas, era universitariamente ...analfabeto. Só fiquei sabendo que não sabia nada. Nadinha. Docta ignorância, para empregar a expressão do Cardeal Nicolau Cusa. E foi isso que me salvou. A partir do dia em que soube que não sabia nada, é que comecei a desbastar a minha ignorância, maior do que permite (e promete) a força humana...

Das licenciaturas que se perdem já na idade da pedra lascada, até agora (1976), nunca mais deixei de folhear livros, livrinhos e livrecos. E nunca — dos nuncas! — tive outro jeito de ler que não fosse em presença de papel em branco e em... bruto, para, sobre ele, ir escrevinhando as minhas rumações. Com um saber de experiências feito, posso garantir-lhe que a caneta é uma óptima parteira do espirito. Ela me tem ajudado nos meus partos intelectuais (sem dor), clarificando-me ideias, estruturando-as, propiciando, de caminho, a relativa originalidade dos meus escritinhos. Até agora, não me parece que tenha tido partos de originalidade absoluta. Fruta é essa que não existe no meu pomar. Nem no de ninguém, valha a verdade, porque todos nós, no dizer do poeta, chegámos muito tarde a um mundo já muito velho. Se alguma relativa originalidade tenho mostrado é no estilo: non nova, sed nove. Nada (nadinha!) disse de novo, mas talvez o tenha dito de maneira nova. Se o estilo é o homem, eu, homem-Manuel-da-Cruz-Malpique, não tenho feito mais do que malpiquizar o meu estilo.

Se há aí no mundo alguma actividade que me dê prazer é a de pôr o preto no branco. É escrever. Melhor: é escrever-viver. E à conta dessa paixão, que paixão é, publiquei um mundo de páginas — nulla dies sine linea —, e deixo (o escândalo dos escândalos!) toda uma larga caterva de inéditos, que espero serem editados no dia de São-Nunca-à-Tarde, ou para as calendas gregas...

Não é a escrever que ganhei o pão para a boca. Credo! Ser escritor, em Portugal, é tirar bilhete de ida e volta para a miséria e... ilhas adjacentes. Ganhei a còdea diária, não advogando (porque não sofro da auri sacra fames), mas leccionando rapazes, nos liceus de aquém e de além-mar, nos Açores e em África, mas, sobretudo, nos liceus da banda de cá, o de Alexandre Herculano na linha da frente, desde 48 à minha aposentação. Fiz-me tripeiro, à força de no Porto viver. E aqui hei-de morrer (favinhas contadas!), sem que você, nem o mais pintado, vá ao meu enterro, porque deixo ordens terminantes para que a minha morte (única coisa a que posso chamar minha) não venha nos papéis

públicos, senão, oito ou quinze dias depois de eu espichar...
E se dos papéis públicos não constar, será isso oiro sobre azul.

Casei. Tive 2 filhas: uma que é médica-psiquiatra, outra que é arquitecta-professora, mais professora do que arquitecta. Tenho netos, que seguem a tradição do avô, como estudante: não furam paredes... Tenho esposa, com a qual voltaria a casar, se houvesse de casar outra vez, tão devedor me sinto ao clima que ela sempre me criou em casa, para eu dar largas às minhas orgias de leitura, e, sobretudo, de caneta.

Que mais lhe hei-de eu confessar, neste meu curriculum vitae, amigo Courrêge? Mais nada. É altura de pingar, aqui, o ponto final. O «outro ponto final» não se fará esperar muito. E essa é a minha raiva, porque, se coisa há de que eu goste, é de viver. Tal como Mecenas, o favorito de Augusto, e pela boca de Séneca, eu direi: «Que a mão se me torne trémula, que eu viva coxo ou marreca, que os dentes me caiam, mais do que contente ficarei, se continuar vivendo».

O nosso homem disse isto em latim. Mas como falar em latim é, hoje, como dizia a Ramalhal Figura, um modo erudito de estar calado, vai a coisa traduzida na língua, que você, Courrêge, e eu, Malpique, mamámos com o leite materno.

E pronto. Agora é que nem mais uma palavrinha.

(Não releio isto. Líbra! Se houver de espalhar por aí umas vírgulas ou outros acessórios essenciais, tem carta branca...)

Amigo, et nunc et semper.

Porto, no frio Dezembro de 75



BIBLIOGRAFIA (incompleta) do Prof. Dr. Cruz Malpique

- Introdução à Vida intelectual.** Imprensa da Universidade. Coimbra, 1934.
- O Mar, na História e na Literatura.** Conferência. Esgotada. Angra do Heroísmo, 1934.
- Crianças** (Diário de um pai). Esgotada. Angra do Heroísmo, 1934.
- O Homem, Centro do Mundo.** Livraria de Sá da Costa. Lisboa, 1936.
- Psicanálise da crueldade.** Esgotada. Aveiro, 1937.
- Reflexões sobre a adolescência.** Esgotada. Aveiro, 1938.
- A mulher e o Diabo, em Gil Vicente.** Esgotada. Aveiro, 1938.
- Higiene intelectual e moral do estudante.** Livraria de Francisco Franco. Lisboa, 1938.
- Como se faz um escritor.** Livraria de Francisco Franco. Lisboa, 1939.
- Educação inglesa e educação latina.** Esgotada. Aveiro, 1939.
- Arte de interrogar.** Esgotada. Aveiro, 1940.
- A sugestão e o sentimento de inferioridade no educando.** Esgotada. 1940.
- O Homem de Ciência.** Livraria de Francisco Franco. Lisboa, 1940.
- Trabalho e Profissão.** Edição de Argos. Lisboa, 1941.
- Como se faz um artista.** (Ensaio de filosofia da Arte). Editora Educação Nacional. Porto, 1941.
- Para um possível perfil de Machado de Assis.** Esgotada. Coimbra, 1946.
- Arte de escrever.** (Um pouco da sua filosofia). Editora Educação Nacional. Porto, 1949.
- Pátria e território.** Esgotada. Coimbra, 1950.
- Arte de conversar.** (Um pouco da sua filosofia). Editora Educação Nacional. Porto, 1950.
- Pátria e Língua.** Esgotada. Aveiro, 1950.
- Uma xícara de chá.** Esgotada. Aveiro, 1951.
- Um Rei enxovalhado por um Poeta.** Esgotada. Aveiro, 1951.
- O duelo das mãos, ou o primado da direita sobre a esquerda.** Esgotada. Aveiro, 1952.
- Psicopedagogia da curiosidade.** Esgotada. Aveiro, 1952.
- Leonardo de Vinci, operário da inteligência.** Esgotada. Aveiro, 1952.
- Vocação e Profissão.** (Perspectivas gerais). Editora Educação Nacional. Porto, 1952.
- O Homem, glória e refugio do universo.** Porto, 1953.
- Teixeira de Pascoaes, pouco menos que pintado por si mesmo (1877-1952).** Aveiro, 1953.
- A Mulher e o Amor em Camões.** Esgotada. Aveiro, 1953.
- A Palavra, no exercício da função docente.** Aveiro, 1953.

- Psicologia da carta.** Braga, 1953.
- História de um elegante do Romantismo.** (Uma biografia de Garrett). Livraria Progressor. Porto, 1954.
- O bifrontismo de Teixeira de Pascoaes, no problema de Deus.** Aveiro, 1954.
- O narcisismo autobiográfico de Garrett.** Aveiro, 1954.
- Filosofia da espada à cinta.** Porto, 1954.
- Rousseau, poço de contradições.** Aveiro, 1954.
- D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Mulher de Espírito e Mulher de Coração**
Esgotada. Porto, 1955.
- Agostinho de Campos, homem de letras.** Esgotada. Porto, 1955.
- Ramalho Ortigão, sapador da companhia antipática do bota abaixo.** Esgotada.
Porto, 1955.
- Perfil psicológico de Leonardo de Vinci.** Esgotada. Aveiro, 1955.
- Filosofia do plágio.** Braga, 1955.
- Agostinho de Campos, conferencista.** Esgotada. Porto, 1955.
- Alguns traços do perfil do adolescente.** Esgotada. Aveiro, 1956.
- A saudade em Teixeira de Pascoaes.** Esgotada. Porto, 1956.
- O duelo dos novos e dos velhos.** Esgotada. Aveiro, 1956.
- Leonardo de Vinci e a Ceia.** Aveiro, 1956.
- O Homem de Letras.** Porto, 1956.
- No mundo do ex-libris.** Esgotada. Porto, 1956.
- Pão para a boca do homem.** Porto, 1957.
- Chávenas de café quase amargo, 1.ª série.** Porto, 1957.
- No centenário de Fialho.** Lisboa, 1957.
- Aspectos da obra literária de Fialho.** Esgotada. Lisboa, 1957.
- Perfil de Fialho: o escritor.** Esgotada. Aveiro, 1957.
- Perfil psicológico de Fialho.** Esgotada. Porto, 1957.
- Psicologia dramática do adolescente.** Aveiro, 1957.
- Ramalho Ortigão.** Porto, 1957.
- Psicologia literária do homem do Porto.** Porto, 1958.
- Ricardo Jorge, o escritor.** Porto, 1958.
- Ricardo Jorge, o intelectual.** Esgotada. Porto, 1958.
- Psicologia do gesto.** Aveiro, 1958.
- Perfil do escritor Carlos de Passos.** Porto, 1958.
- Psicologia da linguagem feminina.** Aveiro, 1958.
- A missão social do bibliotecário.** Matosinhos, 1959.
- Perfil intelectual e moral do Prof. Joaquim de Carvalho.** Figueira da Foz, 1959.
- Teixeira de Pascoaes, biógrafo.** Lisboa, 1960.
- A Escola Náutica do Infante.** Matosinhos, 1960.
- O Infante D. Henrique, acusado de negreiro e mau irmão.** Porto, 1960.
- Filosofia amena do ex-libris.** Braga, 1960.
- Agostinho de Campos, Educador e Homem de letras.** Lisboa, 1961.
- Rodin, o poeta da pedra.** Matosinhos, 1961.
- Introdução sentimental às Bibliotecas.** Livraria Ofir. Porto, 1962.
- O Doutor António Aurélio da Costa Ferreira.** Matosinhos, 1962.
- Uma filosofia da Cultura.** Aspectos pedagógicos. Livraria Ofir. Porto, 1962.
- Perfil de Oliveira Martins.** Porto, 1962.
- Joaquim Paço d'Arcos. O homem e a obra.** Edição da Revista Ocidente. Lisboa, 1963.

- Psicologia do tédio.** Livraria Ofir. Porto, 1963.
Psicologia barroca do poeta Mário de Sá-Carneiro. Matosinhos, 1963.
Alberto de Oliveira, mentor do Neogarrettismo da geração literária de 1890. Porto, 1963.
Do magistério em Filosofia. Aveiro, 1963.
O homem para a técnica, ou a técnica para o homem? Aveiro, 1963.
Galileu, investigador renascentista (1564-1642). Aveiro, 1964.
Traços do perfil de António Nobre. Matosinhos, 1964.
Física e metafísica do suicídio de Antero. Esgotada. Aveiro, 1964.
D. Quixote, no mundo do ex-libris. Esgotada. Porto, 1964.
Aquilino. O homem e o escritor. Divulgação. Porto, 1964.
Perfil literário de João de Araújo Correia. Régua, 1964.
Cervantes, cidadão do mundo. Livraria Divulgação. Porto, 1964.
Miguel de Unamuno: «yo no soy un intelectual, sino un pasional». Aveiro, 1964.
A tísica, a dor e a morte em António Nobre. Porto, 1964.
Miguel de Unamuno, «nada menos que todo un hombre». Liv. Divulgação. Porto, 1964.
Psicopedagogia do acanhamento. Aveiro, 1965.
Nun'Álvares, ou a espada que preparou a quilha... Aveiro, 1965.
Perspectivas, dificuldades e heresias da Filosofia. Aveiro, 1965.
Que foi o Renascimento? Aveiro, 1964.
Gil Vicente (1467-1537). No Signo dos comedores de rabanetes. Aveiro, 1965.
Óscar Wilde, esteta paradoxal. Porto, 1965.
Mestres e discípulos. Livraria Divulgação. Porto, 1965.
Miguel de Unamuno, o Escritor. Matosinhos, 1965.
O perene e o efémero, na poesia modernista. Aveiro, 1965.
A Beatriz de Dante foi uma realidade, ou uma ficção? Aveiro, 1965.
Gil Vicente. No signo de Erasmo. Aveiro, 1965.
Herculano, um esquizotímico? Aveiro, 1966.
Sonetos e Sonetistas. Aveiro, 1966.
Antero e Oliveira Martins. Aveiro, 1966.
Notas sobre o lirismo aristocrático e franciscanismo de António Sardinha. Guimarães, 1966.
João Penha, anti-«metrificador do A!». Braga, 1966.
O «Só» de António Nobre. Matosinhos, 1966.
António Nobre. A decepção escolar de Coimbra e a desilusão social de Paris. Porto, 1966.
Jaime de Magalhães Lima, Pensador de raiz poética. Aveiro, 1966.
Deontologia da Crítica. Aveiro, 1967.
Sebastião da Gama, poeta de primeira água. Guimarães, 1967.
Francisco Gomes de Amorim. Notas para um estudo. Póvoa de Varzim, 1967.
Cesário Verde, Poeta do quotidiano, ou dos cinco sentidos. Castelo Branco, 1967.
Olavo Bilac e a Estética parnasiana. Aveiro, 1967.
Perfil do poeta Camilo Pessanha. Aveiro, 1967.
O Poeta Manuel Bandeira. Matosinhos, 1967.
Fernando Pessoa, «novelo enrolado para o lado de dentro». Livraria Ofir. Porto, 1967.
Portugal, iniciador da cultura atlântica e precursor da cultura ecuménica. Aveiro, 1976.
Miguel de Unamuno e Portugal. Aveiro, 1967.

- William Shakespeare. Foi ele o autor do teatro que corre com o seu nome?** Aveiro, 1968.
- Miguel de Unamuno, esfomeado de imortalidade.** Castelo Branco, 1968.
- Teatro de Shakespeare. Os sentimentos de lisonja e de ingratidão n'«O Rei Lear».** Aveiro, 1968.
- Manuel Bandeira. O homem.** Matosinhos, 1968.
- De xenomania e da xenofobia, em Portugal.** Aveiro, 1968.
- Os conceitos de ciência, erudição e técnica, em José Ortega e Gasset.** Aveiro, 1969.
- Vida paradigmática de Carlos Eugénio Corrêa da Silva (Paço d'Arcos).** Guimarães, 1969.
- Desidério Erasmo. Alguns aspectos da sua personalidade.** Aveiro, 1969.
- Fernando Caldeira. Comentários à margem.** Aveiro, 1969.
- Raul Brandão, o obsessivo da vida, da morte, do sonho e da dor.** Porto, 1969.
- Filosofia do comando.** Castelo Branco, 1969.
- O drama do «homo duplex».** Tomar, 1969.
- Alguns traços do perfil moral e psicológico de El-Rei D. Duarte.** Tomar, 1969.
- Inteligência e palavra articulada constituem círculo fechado.** Tomar, 1969.
- Linguagem falada e linguagem escrita.** Tomar, 1969.
- Machado de Assis. O escritor.** Aveiro, 1969.
- Eugénio de Castro, poeta pagão.** Matosinhos, 1969.
- Foi Sá de Miranda um grande Poeta?** Braga, 1969.
- Mandamentos do Jornalista.** Lisboa, 1970.
- Os sofistas no bom e no mau sentido da palavra.** Aveiro, 1970.
- Da maieutica e da ironia socráticas.** Aveiro, 1970.
- Alfredo Brochado, poeta do inefável e da angústia metafísica.** Edição da Câmara Municipal de Amarante, 1970.
- Egas Moniz como paradigma do Professor-Investigador universitário.** Edição da Fundação Egas Moniz, Aveiro, 1970.
- Filosofia amena das vírgulas.** Lisboa, 1970.
- Evocação do Prof. Fernando Magano, da Faculdade de Medicina do Porto.** Aveiro, 1970.
- Camilo. Aspectos do seu retrato moral e psicológico.** Porto, 1970.
- Moniz Barreto. Perfil de um grande crítico literário.** Aveiro, 1960.
- Perfil humanístico de Gregório Marañón.** Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1970.
- João Condeixa, poeta quase inédito.** Matosinhos, 1970.
- Alicia Azevedo, singular poetisa de estirpe sentimental de Florbela.** Livraria de Fernando Machado, Porto, 1970.
- Pensamento e Linguagem.** Lisboa, 1970.
- O ensino da língua vernácula.** Lisboa, 1970.
- Que é um «gentleman»?** Castelo Branco, 1970.
- Pensamento e Linguagem.** Edição da Revista *Ocidente*. Lisboa, 1971.
- Miguel de Unamuno, Professor Universitário.** Esgotada. Castelo Branco, 1971.
- No signo dos «estrangeirados».** João Jacinto de Magalhães, natural de Aveiro, Sócio da Academia das Ciências de Paris e da Real Sociedade de Londres (1722-1790). Aveiro, 1971.
- Os pais julgados pelos filhos e os filhos julgados pelos pais. No centenário de Júlio Denis (1839-1971).** A propósito de uma carta do Escritor. Porto, 1971.
- A tese subjacente à peça «Antepassados vendem-se», de Joaquim Paço d'Arcos** Lisboa, 1971.

- José Régio**. *Alguns aspectos da sua biografia interior*. Matosinhos, 1971.
- Memórias dum mestre de rapazes**. 2.ª série. Edição da «Escola Remoçada». Braga, 1971.
- Carta dos direitos e deveres dos trabalhadores científicos**. Guimarães, 1972.
- Perfil de João Semana**. Porto, 1971.
- O Aveirense Bernardo Xavier de Magalhães, aventureiro, poeta e professor, 1830-1832**. Aveiro, 1972.
- Gil Vicente, humanista**. Lisboa, 1972.
- Alguns aspectos da deontologia do magistério**. Aveiro, 1972.
- «*Maxima puero debetur reverentia*». Aveiro, 1972.
- Em louvor dos trabalhos manuais**. Aveiro, 1972.
- Psicologia, alicerce da Pedagogia**. Aveiro, 1972.
- Saber e pensar**. Aveiro, 1972.
- Juramento do Mestre**. Aveiro, 1972.
- O binómio Professor-Aluno**. Aveiro, 1972.
- Súplica (quase enfática) do discípulo (já espigadote) às Musas da Pedagogia**. Aveiro, 1972.
- Para um conceito construtivo de Portugalidade**. Guimarães, 1972.
- Curso de relações humanas: Carácter e Personalidade**. Lisboa, 1972.
- Curso de relações humanas: Técnicas de publicidade, promoção de vendas e capacidade de chefia**. Lisboa, 1972.
- Súplica (quase enfática) do Mestre (que se estreia) às Musas da Pedagogia**. Aveiro, 1972.
- Fado, tema e... teima, em Portugal**. Castelo Branco, 1972.
- Maria Eulália de Macedo, a original ficcionista e poetisa das poucas, mas humaníssimas, palavras**. Matosinhos, 1972.
- A tónica portuense, na História de Portugal**. Porto, 1973.
- A ressonância dos «Lusíadas» durante o domínio filipino**. Lisboa, 1973.
- Luis de Camões, humanista, humano e humanitário**. Matosinhos, 1973.
- A Batalha da Educação**. Braga, 1973.
- Sá de Miranda, «homem dum só parecer»**. Braga, 1973.
- No signo dos «estrangeirados» e do homem portuense: O Abade da Costa**. Porto, 1974.
- Alguns Aspectos do Perfil psicológico do Português: Tristeza, romantismo, saudade e chalaça**. Matosinhos, 1974.
- A Portugalidade na Geração de 70, e particularmente em Eça de Queiroz, «...um pobre homem da Póvoa de Varzim»**. Póvoa de Varzim, 1974.

TRADUÇÕES:

- A dignidade humana**, de Lecomte du Nouy.
- O futuro do espírito**, de Lecomte du Nouy.
- Os milagres de Lourdes**, de Aleixo Carrel (tradução com o pseudónimo de Jorge Madureira).
- O homem perante a vida**, de A. Carrel.
- O homem e o seu destino**, de L. du Nouy.
- Do sentimento trágico da vida**, de Miguel de Unamuno.
- O primeiro amor do mundo**, de Fulton Sheen.
- Elevai os vossos corações**, de Fulton Sheen — Edições da Editora Educação Nacional do Porto.